



MEMÓRIA REGIONAL E TRAJETÓRIAS DE MULHERES PLURAIS: O CHÃO FORJADO NAS EXPERIMENTAÇÕES DE LUTAS COTIDIANAS

Eixo Temático 21 –INTERSECCIONALIDADES NA AMÉRICA LATINA: Raça, Classe, Identidade de Gênero, Sexualidades, entre memórias e trajetórias.

Marilene Geronimo da Silva Maciel¹

RESUMO:

A Coletiva de Mulheres - Expresso Periférico nasceu da união de um grupo que, inicialmente, se dedicou a escrever na seção Nosso Lugar de Fala de um jornal digital criado de forma colaborativa. Nessa ocasião, elas refletiram sobre a memória política de várias mulheres da Cidade Ademar, localizada na zona sul de São Paulo, cujas vidas foram marcadas por vivências intensas durante os anos de repressão (décadas de 60, 70 e 80), experiências essas que ainda reverberam nos dias de hoje. Essas mulheres enfrentaram desafios ao lutarem por avanços sociais nas áreas de educação, saúde e saneamento, ao mesmo tempo que lidavam com a dura realidade de greves, inflação, segregação socioeconômica e territorial, desemprego, tortura, racismo tanto institucional quanto religioso, violência de gênero e desaparecimentos. A Coletiva de Mulheres - Expresso Periférico valoriza a escrita como uma poderosa ferramenta de expressão e resistência. Elas trocam conhecimentos e histórias, almejando um espaço que coloque em destaque a diversidade da voz feminina. Por meio de encontros, promovem um ativismo

¹ Bacharela em Serviço Social (UNINOVE); Pós graduada em: Trabalho Social com famílias (FAPSS); Gerontologia Social (PUC/SP); Direitos Humanos e Lutas Sociais (UNIFESP); Cidades, Planejamento Urbano e Participação Popular (UNIFESP); Mestranda em Serviço Social pela (PUC/SP); Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Aprofundamento Marxista (NEAM); Linha de pesquisa: Memória, Território, Movimentos Sociais, Religiosidade de Matrizes Africanas. Assistente Social no Núcleo de Práticas Jurídicas do Escritório Modelo Dom Paulo Evaristo Arns - PUC/SP - Área de Projetos Sociais. Ativista em: Comitê de Luta Cidade Ademar, Pedreira e Jabaquara; Centro Popular de Defesa dos Direitos Humanos Frei Tito de Alencar Lima; Orgânicos Cidade Ademar; Coletiva de Mulheres - Expresso Periférico; Comitê de Combate ao Racismo/CRESSSP; Fórum de Trabalho Social na Habitação e Coletiva de Mulheres Negras do PPGSS/PUC/SP. E-mail: marilenegeronimo@gmail.com.



Palavras-chave: Relatos de experiências, História de vida, Memória social, Invisibilidade, Gênero.

INTRODUÇÃO:

A Coletiva de Mulheres Expresso Periférico surgiu de grupo de mulheres plurais² que se uniram, elas acreditavam na escrita como uma forma de se aproximar e retratar suas próprias vivências e falar com outras mulheres com histórias semelhantes. Essas mulheres, almejavam, ocupar um lugar onde o feminino fosse a pauta principal, com representatividade e prioridade. Primeiramente, essa missão se concretizou através da escrita na seção "Nosso Lugar de Fala" do Jornal virtual Expresso Periférico³. Já inseridas em vários coletivos de luta na região da zona sul de São Paulo, elas sentiam a necessidade de um espaço dedicado às questões das mulheres, ao longo de mais de dois anos e através de muitas lutas, elas fortaleceram espaços de ativismo em defesa dos direitos das mulheres. Sendo, a escrita, nesse contexto, como uma forma de retratar e se conectar com outras mulheres, considerando a publicação de seus textos como um ato de subversão (CIXOUS, 1976).

A história da resistência feminina na região, especificamente no bairro do Jardim Miriam, um dos primeiros do atual distrito de Cidade Ademar e Pedreira. Que nos anos 1970, em um território carente de serviços públicos, mulheres aguerridas desempenharam um papel crucial na luta por educação, creches, moradia, postos de saúde, transporte público, esporte e lazer. A coletiva busca registrar essa trajetória de lutas como parte do percurso curatorial *Gênero e Ditadura do Memorial da Resistência*⁴

² A coletividade, solidariedade, diversidade e o afeto expressas nessas mulheres plurais que compõe a Coletiva de Mulheres Expresso Periférico. Que são negras, indígenas, brancas, migrantes de vários Estados brasileiro, imigrantes da América Latina, de matrizes africanas, católicas, protestantes, intelectuais orgânicas e acadêmicas, mulheres que germina múltiplos saberes...

³ Jornal Virtual Expresso Periférico: <https://expressoperiferico.org/category/nosso-lugar-de-fala/> acesso em janeiro de 2025.

⁴ https://memorialdaresistencia.org.br/referencias/reistencia-tem-voz-de-mulher/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=10&source_list=term&ref=%2Fvocabulary-controlado_referencias%2Fmulheres%2F%3Fperpage%3D12%26view_mode%3Dtable%26paged%3D1%26order%3DASC%26orderby%3Ddate%26fetch_only%3Dthumbnail%252Ccreation_date%252Ctitle%252Cdescription%26fetch_only_meta%3D acesso em janeiro de 2025.



em conjunto com o *Acervo de Bajubá*.⁵ Para construir esse registro, a coletiva promoveu rodas de conversa com mulheres do território, abordando a *Atemporalidade da repressão e da resistência, e o lugar da mulher na resistência*. Essas rodas, realizadas tanto presencialmente quanto virtualmente, visavam compartilhar memórias, conquistas e a situação atual, servindo como insumo para o material escrito da coletiva. As discussões foram guiadas por provocações sobre os primeiros disparadores para a resistência contra a opressão, a relação entre a diversidade de mulheres e suas ações coletivas, e o impacto nas organizações de lutas. A importância do coletivo é ressaltada como determinante para que as mulheres rompam o silêncio diante das violências sofridas.

Dentro da coletiva, há uma divisão de saberes, escritas, dores e conquistas, reconhecendo a diversidade de idades, sotaques e histórias de cada integrante. Apesar da crescente visibilidade das lutas feministas, a coletiva avalia a persistência das opressões dentro das diversas lutas (BEAUVOIR, 1949), compartilham experiências cotidianas das interseções materializadas no machismo, racismo, silenciamento, invisibilidade e a desvalorização da mulher em interações sociais.

A resistência feminina, conforme expresso pela coletiva, é uma luta diária e constante em todos os setores e lugares, reconhece a importância da ancestralidade feminina como base para suas lutas, entendendo que não estão sozinhas nessa caminhada. Mesmo diante da violência de gênero, da dupla jornada de trabalho e da desigualdade salarial, a decisão de não se calar e de se manter unidas é fundamental para resistir ao silenciamento. Essas trajetórias de vida, almejam uma sociedade onde as mulheres ocupem espaços de decisão e sejam respeitadas, construindo estratégias coletivas para além do individualismo, de liberdade para todos os corpos e a necessidade de que a diversidade da nação encontre sua representação feminina, negra, indígena, LGBT, periférica e artística e na política (CRENSHAW, 1989), a luta é para que as diferenças não definam, mas possibilitem a promoção da igualdade de direitos.

A reflexão sobre as camadas das memórias políticas, leva ao questionamentos sobre as oportunidades perdidas de confrontar o machismo anteriormente e a importância de conscientizar as novas gerações, as experiências em movimentos sindicais, mesmo enfrentando desafios como a maternidade em contextos de luta, demonstram o engajamento contínuo das mulheres na busca por direitos e justiça social. O livro

⁵ “Acervo Bajubá é um projeto comunitário de registro de memórias das comunidades LGBT+ brasileiras” site: <https://acervobajuba.com.br/> acesso em janeiro de 2025.



Resistência tem voz de Mulher publicado em 2023, revela diretamente ações de resistência organizada, ele ilustra as condições de desigualdade e exploração que afetam as mulheres trabalhadoras e que são um motor de transformações possíveis. A precarização do trabalho, a desigualdade salarial entre homens e mulheres, e a desvalorização das necessidades básicas da população evidenciam o contexto em que a resistência feminina se manifesta (FEDERICI, 2004). São “vínculos entre a diversidade, a ancestralidade, os pactos femininos que são feitos para essa imensa periferia VIVER e os pensamentos que percorrem o nosso desejo[...] de liberdade para todos os corpos. (EUGÊNIA, 2023, p. 08).

A metodologia proposta transbordada na *Roda de Conversa Atemporalidade da Repressão e da Resistência*, estruturada de forma a promover um espaço de escuta ativa e partilha de experiências entre as participantes. A dinâmica foi conduzida por questões provocativas, que serviram como disparadores para reflexões sobre a resistência feminina ao longo da história e no presente. As participantes tiveram liberdade para compartilhar memórias, vivências e estratégias de luta, criando um ambiente de cumplicidade e fortalecimento coletivo. O formato permitiu um diálogo fluido, respeitando a pluralidade de vozes e perspectivas, principais pontos abordados: reflexão sobre como as mulheres sempre enfrentaram opressões estruturais e como suas formas de resistência atravessam diferentes épocas. A importância do resgate da memória social e coletiva (HALBWACHS, 1990), como ferramenta de combate às práticas do patriarcado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

a resistência feminina como um fenômeno multifacetado, que se manifesta na organização coletiva, na produção de conhecimento através da escrita e da discussão, na luta por direitos básicos e representatividade política, no enfrentamento cotidiano do machismo e da violência de gênero, e na construção de espaços de acolhimento e fortalecimento mútuo, com raízes históricas profundas nas lutas das mulheres, a Coletiva de Mulheres Expresso Periférico ressalta a importância da escrita como ferramenta de resistência e conexão entre mulheres plurais periféricas.

Germinar um espaço onde as vozes femininas fossem protagonistas, promovendo reflexões sobre gênero, política e sociedade a partir de suas próprias vivências. A trajetória de vida e da coletiva demonstra a continuidade da luta feminina na zona sul de



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade



São Paulo, especialmente no Jardim Miriam, onde mulheres historicamente desempenharam papéis fundamentais na conquista de direitos básicos. Através de rodas de conversa, publicações e articulações, a coletiva fortalece a resistência feminina e resgata a ancestralidade como um pilar essencial dessa luta, mesmo diante dos desafios persistentes do machismo, racismo estrutural e da desigualdade, as participantes reafirmam a necessidade de união para transformar de uma realidade mais justa e igualitária.

Por meio de iniciativas como o *Livro Rexistência tem voz de Mulher*, a coletiva não apenas denuncia as condições de exploração e desigualdade, mas também inspira novas gerações a darem continuidade à resistência no combate ao racismo, as múltiplas expressões de violências de gênero. Essas mulheres reafirma o poder da coletividade, da escrita e da memória como instrumentos de transformação social e política. Assim, a coletiva se mantém como um espaço essencial para o fortalecimento do protagonismo feminino nas periferias, garantindo que suas vozes continuem ecoando em prol da equidade e da justiça.

REFERÊNCIAS

EUGÊNIA, E. *Rexistência tem voz de mulher*. Outros organizadores: Evinha Eugênia, Florencia, J. Castoldi, Marilene Geronimo, Zulmira Fonseca: 1 ed. São Paulo, 2023.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

CIXOUS, Hélène. *A Rir da Medusa e outros ensaios*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1976.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, v. 43, 1989.

FEDERICI, Silvia. *Calibán e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.